

destino desenhado a sangue
saga os sem destino, livro 1
danielle l. jensen

Tradução de Sónia Silva



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Para Tamar — Estaria perdida sem ti!



CAPÍTULO
1

A minha mãe ensinou-me muitas habilidades para garantir que eu seria uma boa esposa para o meu marido. Aprendi a cozinhar e a limpar, a tecer e a costurar, a caçar e a colher. Teria sido mais proveitoso se me tivesse ensinado a contenção necessária para não esfaquear o dito marido quando ele se revelou um bêbedo ignorante com uma língua afiada...

Pois hoje a minha paciência estava a ser testada até ao limite.

— O que estás a fazer? — exigiu Vragi, o hálito a tresandar a hidromel enquanto se inclinava sobre o meu ombro.

— Exatamente o que parece. — Deslizei a ponta da minha faca ao longo da barriga do peixe, as entranhas a escorrerem para fora. — Estou a amanhar o peixe.

A suspirar com irritação, Vragi arrancou-me a faca da mão, quase a cortar-me a palma. Agarrou noutro peixe, abriu-lhe a barriga e retirou as entranhas num monte sangrento antes de espetar a ponta da minha faca no bloco de madeira, a sua técnica idêntica à minha.

— Vês?

— Sei como amanhar um peixe — disse eu entre dentes, cada parte de mim a desejar amanhã-lo a ele. — Já amanhei milhares de peixes.

— Não gosto da maneira como o fazes. — O lábio dele torceu-se. — A tua maneira está errada. As pessoas queixam-se.

Isso era verdade, mas não se queixavam das entranhas do peixe.

O meu *querido* marido era um filho dos deuses, tendo recebido uma

gota do sangue de Njord na sua concepção, o que lhe conferia um poder mágico sobre as criaturas do mar. No entanto, em vez de usar esse poder para cuidar do nosso povo, ele usava a sua magia para privar outros pescadores de qualquer captura, enquanto enchia as suas próprias redes. Depois, exigia o dobro do valor dos peixes às mesmas pessoas cujas redes mantinha vazias.

Todos sabiam disso. Mas ninguém ousava pronunciar uma palavra contra ele. Ele era Vragi, *o Salvador*, o homem que tinha livrado Selvegr da fome quando as colheitas falharam há dez anos, atraindo peixes do Mar do Norte para encher barrigas, garantindo que ninguém passasse fome.

Um herói, todos lhe chamavam. E talvez outrora fosse, mas a fama e a ganância tinham vencido a generosidade que lhe tinha valido o título, e agora as pessoas cuspiam no seu nome, mesmo enquanto o honravam com uma festa anual. Ninguém lhe ter cravado uma faca nas costas devia-se principalmente à proteção do *jarl*.

Mas não totalmente.

— Todos fazemos bem em lembrar-nos que podemos precisar novamente da sua magia, Freya — disse-me a minha mãe quando eu me queixei. — Farias bem em lembrar-te de que ele traz riqueza para a tua casa.

Riqueza.

Era essa a razão pela qual o meu pai tinha concordado — apesar dos meus protestos — com a proposta de casamento de Vragi. No entanto, em vez de viver para ver o seu erro, o meu pai morreu na noite do meu casamento, deixando todos a murmurar sobre maus presságios e uniões amaldiçoadas. Se realmente tinha sido uma mensagem dos deuses, não precisavam de se ter incomodado: eu soube, desde o momento em que Vragi me enfiou a sua língua nojenta na boca diante de todos os convidados, que este casamento seria uma maldição.

O último ano tinha-me dado provas disso todos os dias.

Exceto que era difícil lançar palavras amargas sobre ele aos ouvidos dos outros, pois Vragi era generoso com a minha mãe, pagando todas as suas necessidades enquanto o meu irmão conquistava o seu lugar no bando de guerra do nosso *jarl*.

Pela minha família, farei isto, repetia silenciosamente, tal como na noite em que me tinha casado. *Pela minha família, suportarei este homem*. Em voz alta, disse:

— Farei melhor. — E como ele não parecia satisfeito, acrescentei: — Farei à tua maneira, Vragi.

— Mostra-me. — A condescendência fez-me cerrar os dentes com

tanta força que quase estalaram, mas obedeci, amanhando rapidamente outro peixe.

Vragi resmungou e depois cuspiu no chão ao meu lado.

— A minha mãe tinha razão, devia ter casado com uma mulher cujo valor estivesse nas suas habilidades, não uma bonita cuja única habilidade é a aparência. A beleza não amanha peixes, não cozinha, nem tem filhos.

Quanto ao último ponto, a *minha* beleza nunca o faria.

Gastava quase todo o dinheiro que ele me dava a comprar sumo de limão e esponja aos comerciantes que vinham dos Mares do Sul, e se Vragi alguma vez se questionou porque é que o seu membro cheirava a citrinos depois de estarmos juntos, nunca o perguntou. Que a sua ignorância perdure.

— Um ano, mulher. Um ano inteiro de casamento e serviço, e ainda sem nenhum filho.

Curvei-me sobre a tábua, eviscerando outro peixe para esconder as lágrimas de raiva que ameaçavam cair. Nunca sujeitaria uma criança a este homem. *Nunca*.

— Farei uma oferenda. — O que não era mentira; no início de cada ciclo fazia um sacrifício à deusa a quem devo o meu nome, implorando para que mantivesse o meu ventre vazio. Até agora, ela tinha sido misericordiosa.

Ou então, tinha tido sorte.

Como se ouvisse os meus pensamentos, Vragi agarrou a minha trança, puxando-me para me levantar.

— Não quero oferendas, Freya — rosnou ele. — Quero que te esforces mais. Quero que faças as coisas corretamente. Quero que me dês o que eu quero.

Doía-me o couro cabeludo, apenas o aperto da trança a impedi-lo de arrancar um punhado de cabelo, e a minha paciência esgotou-se.

— Talvez sejas tu quem está a fazer tudo mal, marido. É certamente assim que parece.

O silêncio espessou o ar.

Uma mulher inteligente lamentaria tais palavras, mas eu era claramente uma idiota de primeira categoria, pois tudo o que senti foi um lampejo de triunfo perverso à medida que o insulto lentamente surtia efeito. O rosto de Vragi escureceu sob a sua barba espessa, uma veia a pulsar-lhe na têmpora como um verme roxo. Então a sua faca pressionou contra a minha bochecha, o seu hálito fétido enquanto sussurrava:

— Talvez a solução seja tornar-te menos bonita, Freya. Assim terás de aprender outras habilidades.

O aço era frio e cruel. Apagou o meu triunfo e substituiu-o por medo.

Ainda assim... não podia ceder. Não podia permitir-me quebrar, chorar

ou implorar, pois era isso que ele desejava: rebaixar-me. Em vez disso, encarei-o e disse:

— Fá-lo. Fá-lo, Vragi, e depois vai à aldeia e vê se ainda organizam a tua festa e te chamam herói quando souberem que cortaste o rosto da tua mulher para desfigurar a sua beleza.

O lábio dele torceu-se.

— Eles precisam de mim.

— Isso não significa que precisem de te honrar. — E um narcisista como ele precisava dessa honra.

Observei as engrenagens da sua mente a girar; sem dúvida ponderava quanto poderia magoar-me sem consequências. Mas recusei-me a desviar o olhar apesar do suor frio que me encharcava as palmas das mãos. A lâmina pressionou mais contra a minha bochecha, ardendo, e inspirei profundamente para controlar o pânico crescente.

Ele ouviu.

Vragi sorriu, satisfeito com a minha pequena demonstração de fraqueza. Soltou o meu cabelo, baixando a faca.

— Volta ao trabalho, mulher. Quando terminares, leva dois peixes à tua mãe. Talvez ela te lembre dos teus deveres. É culpa dela, e do teu pai — cuspiu —, que não os conheças.

— Não fales mal do meu pai! — Peguei na faca, mas Vragi apenas sorriu com desdém.

— Aí está a prova — disse ele. — Ele esqueceu-se de que eras uma filha e ensinou-te como ao teu irmão. Agora, em vez de uma esposa, tenho uma mulher adulta que faz de conta que é uma guerreira como uma criancinha, a brandir o seu bastão e a imaginar cada árvore como um inimigo.

O calor subiu-me ao peito, deixando as minhas bochechas a fumegar. Porque ele não estava errado.

— Talvez tenha sido conivente — disse ele. — Deixei-te com demasiado tempo livre, que os deuses sabem ser a ruína de um bom carácter.

O único tempo livre que me era permitido eram as horas em que dormia, mas não disse nada.

Vragi virou-se de costas para mim, dirigindo-se à beira da água, o fiorde a cintilar ao sol. Levantando a mão, invocou o nome de Njord.

Por um longo momento, nada aconteceu, e eu orei em silêncio para que o deus do mar finalmente reconhecesse o quão desprezível era o seu filho e lhe retirasse a magia.

Orações desperdiçadas, pois um instante depois a água tremia. E os peixes começaram a saltar.

Apenas alguns no início, mas depois dezenas e dezenas atiravam-se para fora da água e para a praia até que mal conseguia ver as rochas através da massa fervilhante de barbatanas e escamas.

— Isso deve manter-te ocupada. — Vragi sorriu com desdém. — Dá um beijo à tua mãe por mim.

A minha lâmina ensanguentada tremia numa raiva mal contida enquanto ele se virava e se afastava.

Olhei para os peixes a debaterem-se na praia, desesperados para voltar à água. Que desperdício, pois havia mais aqui do que poderíamos vender antes que começassem a apodrecer. E não era a primeira vez que ele fazia algo assim.

Uma vez vi-o encalhar uma baleia, mas, em vez de lhe dar um fim rápido, permitiu que ela regressasse à água, apenas para usar a sua magia para a puxar para fora novamente. Fez isso vezes sem conta, toda a aldeia a assistir, os olhos dele cheios de fascínio enquanto torturava o animal sem motivo algum além do facto de poder fazê-lo.

Só terminou quando o meu irmão abriu caminho pela multidão e cravou um machado no cérebro da baleia, pondo fim ao seu sofrimento e permitindo-nos começar o processo de esquartejar o cadáver, sem ninguém celebrar o que deveria ter sido um glorioso dia de festa.

Recusei-me a sentir de novo o mesmo tipo de arrependimento.

Levantando as saias, corri até onde os peixes se debatiam, apanhando um deles e lançando-o de volta à água. Depois outro e outro, alguns tão pesados que precisei de toda a minha força para devolvê-los.

Movendo-me ao longo da linha de água, devolvi a *captura* de Vragi ao mar, o meu estômago a contorcer-se sempre que encontrava um peixe que sucumbira, cada morte um fracasso pessoal meu. Mas eram tantos.

Encontrando um peixe ainda vivo sobre uns arbustos para onde ele se tinha atirado, peguei nele e, por cima do ombro, atirei-o em direção à água.

Em vez de um *splash*, o que ouvi foi um palavrão bem alto, e virei-me para encontrar um homem de pé, com água pela cintura, a esfregar a bochecha. Que claramente eu atingira com o peixe.

— O peixe ficou magoado? — perguntei, procurando algum sinal do animal, preocupada por tê-lo matado na minha tentativa de salvá-lo. — Conseguiu nadar?

O homem parou de esfregar a cara e olhou para mim incrédulo.

— E eu?

Parei de procurar o peixe e olhei mais atentamente para ele, sentindo o meu rosto aquecer imediatamente. Mesmo com a bochecha avermelhada

pelo impacto, era alarmantemente atraente. Alto e de ombros largos, parecia ter apenas alguns anos a mais do que os meus vinte. O seu cabelo negro estava rapado dos lados, o resto puxado para trás num rabo de cavalo curto atrás da cabeça tatuada. Tinha maçãs do rosto altas e linhas esculpidas, e embora a maioria dos homens usasse barba, ele tinha apenas a penugem de alguns dias sem fazer a barba. Não usava camisola, e a água escorria de um tronco nu com músculos fortes, a sua pele bronzeada pelo sol marcada por dezenas de tatuagens. Um guerreiro, sem dúvida, e mesmo sem arma suspeitava que era uma ameaça significativa.

Percebendo que não tinha respondido, cruzei os braços.

— Que tipo de tolo nada no fiorde quando o gelo acabou de quebrar? Estás a tentar morrer congelado? — Para enfatizar o meu ponto, balancei o queixo na direção da grossa placa de gelo que flutuava ao lado dele.

— Isso não é lá grande pedido de desculpas. — Ele ignorou o gelo e avançou em direção à margem da água. — E parece que estou mais em risco com peixes voadores do que de congelamento.

Dei um passo cauteloso para trás, reconhecendo o seu leve sotaque. Era raro os Nordeland fazerem raides tão cedo na primavera, mas não impossível, e lancei um olhar ao longo do fiorde, procurando dracares e homens, mas as águas estavam desertas. Movi o olhar para o outro lado do fiorde, procurando na densa floresta que subia pela encosta da montanha.

Ali.

Um movimento chamou-me a atenção e congelei, procurando a origem. Mas o que quer que fosse, tinha desaparecido, provavelmente não era mais do que caça miúda.

— Não sou um saqueador, se é isso que te preocupa. — Parou com água pelos joelhos, os dentes à mostra num sorriso divertido. — Apenas um homem a precisar de um banho.

— Isso é o que tu dizes. — Repreendi-me por ter deixado a minha faca na tábua de cortar. — Podes estar a mentir-me. A distrair-me enquanto os teus companheiros avançam sobre a minha aldeia para matar e pilhar.

Ele fez uma careta.

— Pronto, está bem. Apanhaste-me.

Fiquei tensa, pronta para gritar um aviso a quem estivesse à escute, quando ele acrescentou:

— O meu clã disse-me, «Não és um bom lutador, mas és muito bonito, por isso a tua tarefa é atravessar o fiorde para namoriscares com a bela mulher que está a lançar peixes. Com ela distraída, estaremos seguros para atacar». — Suspirou. — Era a minha única tarefa, e já falhei miseravelmente.

As minhas bochechas coraram, mas crescer com um irmão mais velho significava que eu sabia responder à altura.

— Claro que falhaste. Tens tão pouco jeito para namoriscar como para lutar.

Ele inclinou a cabeça para trás e riu-se, o som profundo e rico, e apesar de todas as minhas intenções de permanecer em guarda e cautelosa, um sorriso formou-se nos meus lábios. Pelos deuses, mas ele era atraente — como se o próprio Baldur tivesse escapado de Hel no submundo e estivesse diante de mim.

— Tens tanta pontaria com palavras como com peixes, mulher — respondeu ele, os ombros ainda a tremer de riso enquanto saía da água, as calças molhadas a colarem-se ao músculo duro das suas pernas e traseiro. — Estou tão magoado que devo permanecer deste lado do fiorde para sempre, pois os meus companheiros nunca me aceitarão de volta.

Assim perto, tive a noção de quão grande ele era, cabeça e ombros mais alto do que eu e duas vezes a minha largura, gotas de água do mar a rolar pela sua pele lustrosa. Devia dizer-lhe para ir embora, para partir, pois eu era casada e esta era a terra do meu marido, mas, em vez disso, observei-o de cima a baixo.

— O que te faz pensar que quero ficar contigo? Não sabes lutar. Não sabes namoriscar. Nem sequer sabes apanhar peixes quando te são atirados diretamente.

Ele pressionou a mão contra os músculos nodosos do estômago, fingindo dobrar-se enquanto ofegava:

— Um golpe mortal. — Ajoelhando-se diante de mim, olhou para cima com um sorriso maroto, o sol a iluminar-lhe os olhos de um verde como o das primeiras folhas da primavera. — Antes de me dares o golpe final, permite-me provar que não estou totalmente desprovido de habilidades.

Se alguém nos visse assim, haveria contas a ajustar com Hel se contassem a Vragi. E talvez eu merecesse, pois era uma mulher casada. Casada com um homem que detestava com todo o meu ser, mas do qual nunca me libertaria, por mais que desejasse o contrário. Então disse:

— Que habilidades poderias ter que pudessem interessar-me?

O brilho nos seus olhos transformou-se em calor, e os meus dedos dos pés encolheram-se dentro dos sapatos enquanto ele dizia:

— É melhor eu mostrar-te. Acho que não ficarás desapontada.

O meu coração martelava contra as costelas. Isto estava errado, profundamente errado, mas uma veia egoísta dentro de mim não se importava. Queria apenas beijar este estranho encantador e atraente sem pensar nas consequências.

Exceto que eu não era assim.

Engoli em seco, afastando o desejo doloroso e urgente que exigia que deixasse isto continuar, e em vez disso estendi-lhe uma mão, puxando-o para se levantar. As suas palmas estavam calejadas e as costas das mãos marcadas por cicatrizes de uma forma que desmentia a sua alegação de que não era lutador.

— De onde vens, as mulheres devem ser ou desesperadas ou tolas para caírem em tais patéticos. Vai à tua vida.

Lutei para não prender a respiração enquanto esperava que ele reagisse à minha rejeição, pois poucos homens a aceitavam bem, mas ele apenas inclinou a cabeça e disse:

— Parece que não és nem desesperada nem tola, o que alguns diriam ser a minha perda. — Levantou a minha mão, sem se importar que cheirasse a peixe, e beijou-me os nós dos dedos. — Eu digo que isso apenas significa que tenho de me esforçar mais, pois és de facto uma mulher notável.

O roçar dos seus lábios na minha pele enviou arrepios pelo meu corpo, a minha mente perdida nas profundezas daqueles olhos verdes. Largando a minha mão, ele levantou a dele para tocar no meu rosto, o polegar a deslizar pela linha que a faca de Vragi deixara na minha bochecha.

— Onde está o teu marido?

— O que te faz pensar que sou casada? — perguntei, mas ele apenas se virou e subiu a encosta, em direção a um cavalo que eu nem tinha reparado que estava atado a uma árvore.

Ele vestiu uma camisola antes de olhar para mim.

— O teu anel. Agora, onde posso encontrá-lo?

Instintivamente escondi a mão, que tinha uma simples aliança de prata, nas dobras das minhas saias.

— Porque queres saber onde ele está?

— Porque vou matá-lo. Vou tornar-te uma mulher livre para que possas deitar-te comigo sem preocupações com a decência — respondeu ele, apertando a cilha antes de montar no alto animal. — Que outra razão poderia haver?

O meu estômago caiu.

— Não podes!

— Estou confiante de que *posso*. — Ele circulou o cavalo à minha volta. — Estavas certa ao dizer que sou tão talentoso a namorar como a lutar, cara linda. Farei com que seja rápido pelo bem do pobre diabo, e então serás livre para perseguir todos os teus desejos.

— Não o farás! — Ofeguei, apesar da morte inoportuna de Vragi ser um dos meus sonhos mais frequentes. — Proíbo-te!

— Ah. — Ele circulou-me novamente, o feio cavalo a resfolegar alto. — Nesse caso, esperarei que ele seja vítima de um peixe voador. Haverá alguma justiça nisso. — Deu-me um sorriso cheio de todo o tipo de promessas e começou a descer a praia.

— Para onde vais? — gritei, ainda não totalmente certa se ele estava a brincar ou a falar a sério, a verdadeira possibilidade de que ele pudesse ser *realmente* um saqueador a surgir na minha mente. — Vais matá-lo?

Olhando por cima do ombro, ele sorriu.

— Mudaste de ideias sobre a continuação da sua longevidade?

Sim. Apertei as mãos em punhos.

— Claro que não.

— Uma pena.

Aquilo não era resposta, por isso levantei as saias e corri atrás do cavalo.

— Para onde vais? Que negócios tens na aldeia?

— Nenhum — respondeu ele. — Mas o Jarl Snorri tem, e ele vai querer saber para onde fui.

Parei abruptamente, cada parte de mim a querer afundar-se no chão, porque o meu irmão era um dos guerreiros do *jarl*. Se ele soubesse que eu tinha namoriscado com este homem...

— Andas com o *jarl*?

Ele piscou-me o olho.

— Algo do género. — Depois cravou os calcanhares nos flancos do cavalo e dirigiu-se pela praia a galope, deixando-me a olhar para o seu rasto.



CAPÍTULO
2

Excessivamente perturbada, demorei quase até ao meio-dia para terminar a apanha. Carreguei o carro para Vragi antes de seleccionar dois peixes escolhidos para a minha mãe. Naquele momento, o entusiasmo do meu encontro com o guerreiro havia desvanecido, substituído pelo sombrio lembrete de que Vragi estava vivo, eu era sua esposa e tinha-o irritado.

O vento assobiava pelas montanhas, trazendo consigo o cheiro da neve a derreter, e eu inspirei, aliviada por estar longe do fedor do peixe e das vísceras e da minha própria vergonha, embora um tanto de tudo isso ainda se agarrasse à minha roupa. Agulhas de pinheiro estalavam sob as minhas botas, enchendo o meu nariz com o seu aroma intenso e aliviando a tensão nos meus ombros.

Estava bem. Tudo ficaria bem. Esta não era a primeira vez que discutia com Vragi, e não seria a última. Já tinha sobrevivido um ano com ele e sobreviveria a outro. E a outro.

Mas eu queria *mais* do que apenas sobreviver. Queria que os meus dias fossem mais do que tempo que eu precisava de suportar. Queria *vivê-los*, desfrutá-los. Encontrar neles paixão e excitação, como aquela que eu tinha encontrado naquele breve momento na praia com um desconhecido.

Era o querer que tornava a minha vida difícil. Se eu simplesmente conseguisse parar de *querer*, talvez encontrasse alguma felicidade no que tinha. Mesmo enquanto o pensamento me atravessava a mente, estremeci, porque era exatamente algo que a minha mãe diria. *Deixa de querer mais, Freya, e contentar-te-ás com o que tens.*

Agarrando o peixe embrulhado debaixo do meu braço esquerdo, baixei-me e agarrei num pau. Girando, bati com ele contra uma árvore e depois outra, avançando pelo caminho como se a floresta à minha volta fosse uma horda de saqueadores, sem me importar que estivesse a agir mais como uma criança do que como uma mulher adulta. Ergui o meu pacote de peixe como um escudo, repelindo ataques imaginários, com a respiração a transformar-se em ofegos rápidos, o suor a humedecer os cabelos que se colavam às minhas têmporas.

Saboreava a ardência nos meus músculos enquanto atacava e defendia, apreciava cada respiração ofegante, deliciava-me com a picada na palma da minha mão cada vez que o pau atingia uma árvore. Era com isto que eu sonhava: não com eviscerar peixes junto ao fiorde para vender aos mesmos aldeões todos os dias, mas com lutar. Juntar-me ao bando de guerra do *jarl* em raides contra os nossos rivais a leste e a oeste. Manter-me firme na defesa das nossas terras contra os saqueadores de Nordeland, e ganhar riqueza com a força do meu braço que empunha a espada. Depois, passar o inverno com a minha família em festas, a beber e a rir, até que a temporada de pilhagem recomeçasse.

O meu irmão mais velho, Geir, tinha perseguido o mesmo sonho e estava bem encaminhado para o alcançar. Quando eu tinha catorze anos e ele dezasseis, o nosso pai levou Geir ao *allthing*, e o Jarl Snorri presenteou-o com um anel de braço, convidando-o a juntar-se aos raides. Agora, aos vinte e dois anos, o meu irmão era um guerreiro respeitado.

No entanto, quando expressei o desejo de seguir os passos do meu irmão, as minhas palavras foram recebidas com risos até a minha família perceber que eu estava a falar a sério; então, o seu humor mudou para um horror silencioso.

— Não podes, Freya — disse finalmente o meu pai. — Seria apenas uma questão de tempo até descobrirem o que és, e então nunca mais escolherias nada.

O que eu era. O meu segredo.

A minha maldição.

— Uma vez que tenhas um bebé, Freya, abandonarás esses desejos tolos de fazer sempre o que o teu irmão faz — disse a minha mãe. — Ficarás contente.

— Não estou contente! — gritei para aquela recordação, lançando o meu pau para as árvores. Mas, ao fazê-lo, um dos peixes escorregou do embrulho e caiu no chão da floresta.

— Merda. — Ajoelhando-me, apanhei-o e fiz o que pude para limpar as agulhas e a terra que a ele se agarravam, amaldiçoando-me em silêncio por ter os pensamentos que tinha. Por sonhar com coisas que não podia ter.

— Espero que isso não estivesse destinado ao meu estômago.

Dei um salto, virando-me para encontrar o meu irmão atrás de mim.

— Geir! — Rindo, encurtei a distância para lhe lançar os braços ao redor do pescoço. — O que fazes aqui?

— A resgatar o meu almoço, ao que parece. — Ele esticou os braços, dando-me uma olhadela crítica, e eu fiz o mesmo. Tal como eu, o meu irmão tinha a pele pálida, o cabelo tão loiro que era quase branco, e olhos âmbar que brilhavam como sóis eclipsados. Ele tinha ganhado mais músculo desde que fora viver em Halsar com o *jarl*, o seu corpo já não era esguio como o meu, mas forte e robusto.

— Devias comer mais, estás magra — disse Geir, e acrescentou: — O Jarl Snorri está na aldeia a falar com o teu marido.

A minha pele arrepiou-se de inquietação, pois embora Vragi fosse frequentemente convocado para falar com o nosso senhor, o *jarl* nunca tinha tido motivo para ir até ele.

— Sobre que assunto?

Geir encolheu os ombros, depois pegou num dos peixes, fazendo as guelras bater com os polegares.

— Peixe, presumo. Que outra razão haveria para falar com o Vragi?

— Palavras mais verdadeiras nunca foram ditas — murmurei, arrancando o peixe das mãos dele antes de começar a descer o caminho em direção à casa da nossa família.

— A rapidez com que o brilho de um novo casamento se desvanece. — Geir acompanhou-me, as suas armas a tilintar. O machado e o saxo eram familiares, mas a espada era nova. Assim como a cota de malha que usava por baixo do manto. Ou provinham de pilhagem ou tinham sido pagas com a sua parte. Um lampejo de inveja azedou o meu estômago. Afastando a sensação, lancei-lhe um olhar de soslaio.

— Que brilho? Nunca houve *brilho* nenhum.

— Justo. — O meu irmão pontapeou uma pedra, fazendo-a rolar pelo caminho à nossa frente. Ele tinha deixado crescer a barba durante o último ano, agora adornada com anéis de prata. Isso fazia-o parecer mais velho do que realmente era, e mais feroz, o que provavelmente era a sua intenção. Estendi a mão e puxei-lhe a barba. — O que é que a Ingrid acha disso?

Com a sua boa aparência e charme, Geir tinha a preferência das mulheres, mas eu sabia que ele só tinha olhos para a minha amiga Ingrid, por quem estava apaixonado desde que éramos crianças. Sabia que ele esperava ganhar o suficiente com os saques desta temporada para construir um salão e pedir a mão dela ao pai.

— Ela adora. Especialmente a forma como faz cócegas quando...

Dei-lhe um empurrão forte o suficiente para o fazer cambalear.

— És um porco.

Geir sorriu para mim.

— Culpado. Mas estás a mudar de assunto, Freya. Todos sabemos que o Vragi é um idiota ganancioso, mas é teu marido. Com o Pai já ido, o dever recaí sobre mim para...

Agarrei-lhe o tornozelo com o meu e puxei, sorrindo enquanto o meu irmão caía de costas. Pisando no seu peito com um pé, disse:

— Adoro-te, irmão. Mas se começares a dar-me sermões sobre os meus deveres de esposa, não vou gostar de ti nem metade. — Inclinei-me, pondo peso sobre ele. — Não foi assim há tanto tempo que te deixei todo ensanguentado que me tenha esquecido de como o fazer.

Esperei que ele se risse. Que escarnecesse de Vragi e o chamasse de peixe terrestre. Que dissesse que lamentava eu ter sido forçada a este casamento contra a minha vontade. Que me dissesse que eu merecia mais.

Em vez disso, Geir disse:

— Já não somos crianças. — Então, agarrou o meu tornozelo e puxou.

O impacto do meu traseiro a bater na terra fez a minha coluna estremecer e quase mordi a língua, mas Geir ignorou-me enquanto cuspiu sangue e se sentava.

— O Vragi tem riqueza e influência com o Jarl Snorri. Posso ter recebido o meu anel de braço por causa da boa vontade que o *jarl* ainda tem pelo Pai, mas é por causa do *Vragi* que o *jarl* me paga para lutar por ele o ano todo. Se irritares o Vragi o suficiente para que ele te rejeite, o Snorri pode não me deixar manter o meu lugar. E se perder o meu lugar, como conseguirei a riqueza de que preciso para casar com a Ingrid?

Como se eu pudesse esquecer.

— E se não te importas comigo e com a Ingrid, pensa na Mãe. — Geir apoiou os cotovelos nos joelhos. — O Vragi garante que ela é bem cuidada. Paga a homens para cuidar da quinta e alimentar os animais. Se não por ela, então pensa *logicamente* na tua própria posição. Tens uma casa que outros cobiçam, e a riqueza para comprar infindáveis adornos. — Ele estendeu a mão para tocar numa das bandas de prata que cercava a minha longa trança. — O que farias sem o Vragi?

— Lutava. Saqueava. Ganharia a minha própria riqueza — respondi. — Não preciso do Vragi.

Geir soltou um suspiro e levantou-se.

— Não vamos discutir. Já há meses que não te vejo.

Olhei para a mão que ele estendia, parte de mim querendo continuar a discutir. Exceto que ambos sabíamos que eu nunca tomaria uma decisão que prejudicasse a minha família, e isso tornava todos os meus argumentos nulos. Então, em vez disso, peguei na mão do meu irmão e deixei que ele me puxasse para me levantar.

— Onde planeia o Jarl Snorri atacar este verão?

Antes que Geir pudesse responder, o som de cascos encheu os nossos ouvidos. Um grupo de guerreiros a cavalo apareceu, e senti um aperto no estômago ao reconhecer o meu marido à frente deles, com uma expressão de satisfação.

— Meu senhor. — Geir acenou com a cabeça para o homem corpulento que cavalgava ao lado de Vragi, que deveria ser o Jarl Snorri. Nunca o tinha visto antes, nunca tendo viajado mais do que algumas horas para lá de Selvegr e nunca até ao seu bastião em Halsar. Alto e robusto, tinha cabelo castanho-escuro e uma barba salpicada de cinzento, os olhos marcados por rugas profundas e a boca num semblante carrancudo. A maioria diria que ele era atraente, mas a forma como olhava para mim fazia a minha pele arrepiar-se.

Como se eu fosse algo a ser possuído.

— Geir — respondeu Snorri, mas os seus olhos permaneceram fixos em mim. A última coisa que eu queria era encontrar o seu olhar, por isso olhei para além dele, para o resto do grupo. Além de Vragi, havia três homens vestidos com cotas de malha. Carregavam saxos, bem como machados e espadas, o volume das armas a revelar a sua fama em batalha. A única mulher com eles não levava armas além de um saxo de lâmina curta preso ao cinto, o corpete do seu vestido curto o suficiente para revelar um longo trecho de decote por baixo das amarras do manto. No entanto, os meus olhos passaram por todos eles para pousar no que cavalgava na retaguarda do grupo.

Oh, deuses.

Embora fizesse sentido ele estar ali, ainda assim um choque irradiou por mim ao ver o guerreiro da praia. Um choque que se refletiu nos seus olhos verdes enquanto ele olhava de mim para Geir e de volta para mim, enquanto o *jarl* falava.

— Esta é a irmã de quem estás sempre a falar, Geir? — Sem esperar que o meu irmão respondesse, o *jarl* disse a Vragi: — Ela é a tua esposa, certo?

— Sim, meu senhor. Esta é a minha Freya.

Não tua, queria sibilar. *Nunca tua*. Mas mordi a língua, porque algo estava a acontecer aqui que me gelava as entranhas, uma sensação mil vezes pior devido à expressão no rosto de Vragi.

Ele estava a sorrir como um gato que recebeu uma tigela cheia de natas.

Porque estava ele tão feliz? Porque estavam Snorri e os seus guerreiros aqui? O que queriam?

— Nunca me disseste que a tua irmã também era guerreira, Geir — disse Snorri. — O Vragi contou-me que ela deseja juntar-se às pilhagens neste verão, é verdade?

— Não — disse o meu irmão de rompante, depois tentou disfarçar a explosão com uma gargalhada. — A Freya só sabe de eviscerar peixes e cuidar da casa. Ela não é guerreira.

Fiquei irritada, depois mordi o interior das minhas bochechas quando Snorri me lançou um sorriso divertido.

— Discordas, Freya? Acreditas que consegues lutar?

— Eu... — Engoli em seco, o suor a escorrer pela minha espinha porque todos estavam a olhar para mim. Era melhor dizer a verdade, especialmente porque as minhas habilidades eram conhecidas. — O meu pai ensinou-me a lutar quando eu era pequena. Sei defender-me.

— O teu pai é o Erik.

— Era — corrigi. — Ele morreu há um ano.

— Foi numa luta, não foi?

As minhas bochechas doíam enquanto eu as mordia, incerta se o meu irmão tinha mentido ou se o senhor simplesmente não tinha dado importância suficiente para se lembrar dos detalhes.

— Não, meu senhor. Morreu na noite do meu casamento. A curandeira disse que foi do coração.

Snorri esfregou o queixo.

— É uma pena. O Erik era um guerreiro feroz no seu auge. Lutámos lado a lado em muitas muralhas de escudos. Se ele te ensinou, então o que aprendeste é bom. E eu posso sempre usar mais guerreiros.

— Ela é uma mulher casada — respondeu Geir antes que eu tivesse a oportunidade de responder. — Com todo o respeito, a Freya deveria estar focada na família, não na luta.

— Concordo — replicou Snorri. — Mas o Vragi disse-me que não é esse o caso. Que a Freya pensa mais em lutar do que em bebés.

Oh, deuses.

A compreensão do que estava a acontecer atingiu-me ao mesmo tempo que a Geir, o seu rosto a empalidecer. Vragi desejava terminar o nosso casamento e tinha pedido ao *jarl* para testemunhar. A bÍlis subiu-me à garganta, porque, por mais que desejasse livrar-me dele, conhecia as consequências. Sabia que seria a minha família a sofrer porque eu não conseguia manter a maldita boca fechada.

— Vamos ver se a Freya é melhor guerreira do que esposa — continuou Snorri. — Dá-lhe uma arma, Geir.

O meu irmão não se mexeu.

Os olhos do *jarl* endureceram.

— Desafiar-me-ias nisto?

— Não gostaria de ver a minha irmã ferida.

Geir proteger-me-ia por orgulho. Eu sabia disso e recusei-me a assistir a isso quando tudo o que era necessário era aceitar a humilhação. Talvez isso fosse suficiente para apaziguar Vragi, e ele reconsiderasse.

— Dá-me a tua espada, Geir.

O meu irmão virou-se para mim, os olhos cor de âmbar ardendo.

— Freya, não!

Estendi a mão.

Ele encarou-me, e eu implorei silenciosamente para que ele entendesse como isto se iria desenrolar. Para ver que o único dano que eu sofreria seriam alguns hematomas e um golpe sólido no meu orgulho. Um golpe que estava disposta a aceitar pelo bem dele e da nossa mãe.

Passaram-se segundos, a tensão no descampado a aumentar. Então, Geir, relutantemente, desembainhou a sua arma, entregando-ma pelo punho. Fechei os dedos sobre o cabo de couro, sentindo o peso dela. Sentindo como aquilo estava *certo*. Atrás do *jarl*, um dos guerreiros começou a desmontar, mas Snorri abanou a cabeça para ele e olhou para o guerreiro de cabelos escuros com quem eu tinha namoriscado na praia.

— Bjorn, tu testarás a proeza da Freya.

Bjorn.

A minha confiança despedaçou-se ao ouvir o seu nome, a compreensão de quem ele era atingiu-me como um aríete no estômago. Ele era o filho e herdeiro de Jarl Snorri. Isso já seria suficientemente mau, mas ele também era um filho do deus Tyr, tendo-lhe este concedido uma gota de sangue e toda a magia que vinha com ela na sua conceção. O meu irmão tinha-me falado muitas vezes da proeza deste homem no campo de batalha — um guerreiro sem igual que deixava apenas mortos e moribundos no seu rasto. E era contra *ele* que Snorri queria que eu lutasse?

Eu poderia ter vomitado, mas Bjorn começou a rir.

Ele bateu com a mão na sela, dobrando-se para trás enquanto soltava gargalhadas altas. Isso continuou por vários momentos antes de ele limpar os olhos, apontando um dedo para Snorri.

— Todos aqueles que dizem que não tens sentido de humor são mentirosos, Pai.

— Não fiz nenhuma piada. — A voz de Snorri era fria, e por baixo da barba, o seu maxilar trabalhava de um lado para o outro com óbvia irritação.

Ou pelo menos, óbvia para mim. Bjorn apenas soltou uma gargalhada.

— Queres que *eu* lute contra esta... rapariga? Lutar contra a esposa de um peixeiro que mal tem força para levantar a arma na sua mão?

Foi um esforço não franzir o cenho, pois, embora a arma fosse pesada, não era mais pesada do que um balde de peixe, e eu carregava-os o dia todo.

— Sim, Bjorn. É exatamente isso que desejo que faças. — Snorri inclinou a cabeça. — A menos que desejes dar-me motivos para duvidar da tua lealdade ao recusar?

Pai e filho encararam-se, a tensão palpável o suficiente para que os outros guerreiros se movessem nos seus selins. Era um teste, isso era evidente, e era minha infelicidade ter sido apanhada no meio dele.

Foi Bjorn quem cedeu, quebrando o impasse com um encolher de ombros.

— Como queiras.

Desmontou do cavalo e caminhou até mim com uma graça predatória, o sorriso galanteador já tendo desaparecido. Fui rapidamente lembrada de quão maior do que eu ele era, e todo ele era músculo. Mas não era isso que me enchia de medo. Não, o medo que me percorria as minhas veias e me fazia querer fugir, me fazia querer encolher, surgia quando a sua boca formou o nome *Tyr* e um machado feito de fogo apareceu na sua mão.

Podia sentir o calor dele, a arma a queimar muito mais do que uma chama natural, os lampejos de vermelho, laranja e azul tão brilhantes que feriam os meus olhos. A chama de um deus. A chama da guerra.

— O que desejas alcançar? — perguntou ele a Snorri. — Queres provar que ela não pode lutar? Aqui...

Ele balançou o machado na minha direção.

Recuei com um grito, tropeçando numa raiz e caindo de costas, perdendo a minha arma.

— Aí tens a tua prova. Manda-a de volta para o marido e para os peixes.

— Não é essa a prova que procuro — respondeu Snorri, e o meu estômago revirou-se com o medo de que isto me custaria muito mais do que o orgulho.

Levantei-me para descobrir que os outros guerreiros seguravam o meu irmão pelos braços, impedindo-o de avançar. Vragi ria-se ao longe.

— Até ao primeiro sangue, então? — exigiu Bjorn. Havia raiva na sua voz, as chamas do seu machado a inflamarem-se com a emoção. Ele não queria esta luta, mas isso não significava que não a faria para provar a sua

lealdade. Fazer o contrário teria consequências graves, as quais duvidava que ele estivesse disposto a sofrer por uma mulher que não conhecia.

— Não. — Snorri desmontou e entregou as rédeas do seu cavalo a outro guerreiro antes de cruzar os braços. — Até à morte.

O meu estômago afundou-se, o mundo à minha volta de repente demasiado brilhante. *Até à morte?*

— Isto é uma loucura — rosnou Bjorn. — Far-me-ias matar esta mulher? Porquê? Porque aquele desperdício de carne — fez um gesto na direção de Vragi — quer uma nova esposa?

— O Vragi é um filho de Njord. É um homem de valor e provou a sua lealdade.

Já não tinha a certeza se isto era sobre mim. Ou se era sobre Bjorn. Ou se era sobre algo completamente diferente. A única coisa que sabia com certeza era que o medo me estrangulava, recusando-se a dar-me voz.

— E eu não? — Bjorn ergueu o seu machado flamejante, e o *jarl* teve o bom senso de recuar cautelosamente. — Fiz tudo o que me pediste.

— Então, o que é mais uma coisa? — Snorri inclinou a cabeça. — Farás isto, ou devolverás a tua pulseira de braço e irás para o exílio, deixando de ser meu filho em nome ou espírito. E para que não penses que o teu sacrifício poupará a mulher, ficas a saber que não. Farei simplesmente com que outro lute em teu lugar.

Os músculos no maxilar de Bjorn destacaram-se em nítido relevo e os seus olhos verdes estreitaram-se de fúria, mas fez um aceno tenso com a cabeça.

— Está bem.

— Freya! — gritou o meu irmão. — Corre!

Não conseguia mexer-me de onde estava. Não conseguia pensar no que poderia fazer para nos tirar, a mim e ao Geir, desta situação com vida. O único caminho que via era lutar.

E vencer.

— E se eu o matar?

Fiquei meio à espera que Snorri se risse, mas ele apenas levantou um ombro.

— Se matares o Bjorn, Freya, arrancarei essa pulseira do seu cadáver e colocá-la-ei em ti. Poderás ficar com o lugar dele no meu dracar quando navegarmos para as pilhagens no verão, e com a sua parte da riqueza que isso acarreta.

Ergui o queixo, odiando que houvesse uma parte de mim que sentisse a atração de tal prémio.

— E o divórcio do Vragi.

Isso arrancou uma leve gargalhada dos lábios de Snorri, e ele olhou para Vragi.

— Concordas com o fim deste casamento?

O meu marido sorriu sarcasticamente.

— Com todo o prazer.

As hipóteses de eu derrotar um guerreiro famoso como Bjorn eram escassas. Tornadas ainda mais escassas por ele ser agraciado por Tyr. Mas as lutas eram imprevisíveis, e eu não era desprovida de habilidade.

— Está bem.

Snorri acenou com a cabeça e depois olhou para a bonita mulher que observava do seu cavalo.

— Faremos uma canção sobre isto, Steinunn. De uma forma ou de outra.

— Como diz, meu senhor — respondeu a mulher, a curiosidade a crescer nos seus olhos enquanto encontrava o meu olhar. O que quer que estivesse a acontecer aqui, ela claramente sabia tanto quanto eu. Rolei os ombros para aliviar a tensão e disse a um dos guerreiros ainda montados: — Posso utilizar o vosso escudo?

Ele encolheu os ombros e depois estendeu a mão para desengatar o escudo da sela.

— Isto não te salvará — disse ele. — Mas qualquer um disposto a lutar contra o Bjorn merece o seu lugar em Valhalla.

As suas palavras reforçaram a minha força enquanto pegava no escudo, agarrando o punho atrás do robusto broquel de aço, mas não mostrei nenhuma da minha confiança enquanto circulava à volta de Bjorn. O calor do seu machado provocava suor na minha testa, mas ele parecia não ser afetado por isso. Devia estar imune, dado que segurava fogo com a própria mão.

— Lamento por isto, Freya — disse ele. — Que o próprio Odin te receba com uma taça cheia.

— Tenho a certeza que sim. — Sorri docemente. — Porque vais avisá-lo para estar pronto para mim quando chegares. O que será mais cedo do que pensas.

Um sorriso rasgou-lhe o rosto e, por um momento, vi novamente o homem que tinha namoriscado comigo na praia. Se de alguma forma conseguisse matá-lo, não me alegraria, mas isso não significava que hesitaria em desferir um golpe mortal. Bjorn olhou por cima do ombro para Vragi.

— És um tolo por...

Ataquei.

A minha espada moveu-se em direção ao seu estômago, mas algum

sexto sentido deve tê-lo avisado, porque Bjorn torceu-se no último momento, a ponta da minha lâmina apanhando apenas o tecido da sua camisola. Andando em círculo, ele observou-me.

— Não pensava que isto iria ser assim.

— O destino pouco se importa com a tua opinião sobre como as coisas deveriam ser. — O sangue rugia nas minhas veias, os meus olhos desviando-se para o machado flamejante, embora soubesse que não era isso que deveria estar a observar. Sabia que eram os olhos e o corpo, não a arma, que lideravam. — Tudo o que é e tudo o que será já está tecido pelas Nornas.

Ataquei-o novamente, as nossas armas colidiram e a sua força fez-me cambalear.

— Se vais pregar, é melhor estares certa sobre isso. — Ele bloqueou outro golpe da minha lâmina, mas não ofereceu nenhum ataque. — O meu destino é meu para tecer.

Porque ele tinha sangue de um deus nas suas veias. Eu sabia disso. Sabia muito bem, porque Vragi frequentemente gabava-se desse poder, apesar de ser impossível de provar.

— Então será um destino decidido pelo teu pai, pois parece que fazes o que ele te diz.

A raiva inflamou-se no olhar de Bjorn e ataquei novamente, a lâmina a balançar fortemente contra as suas costelas. Ele esquivou-se de forma ágil, muito mais rápido do que eu teria adivinhado para um homem do seu tamanho. Deu um golpe frouxo na minha espada e, quando as duas armas colidiram, estremeci. Chamas crepitaram sobre a minha lâmina, e eu puxei-a rapidamente, bloqueando outro golpe do seu machado com o meu escudo.

A lâmina enterrou-se na madeira abaixo do broquel, e cravei os calcanhares enquanto ele a puxava, a força quase me arrancando o escudo da mão. Mas pior, o cheiro de madeira a arder encheu-me o nariz, o fumo a subir onde o escudo tinha incendiado.

No entanto, não ousei largá-lo.

O medo rugia através de mim, o corpo encharcado de suor e tudo parecia demasiado brilhante. Precisava de atacar agora, antes que o fogo me obrigasse a largar o meu escudo. Antes que as minhas forças me falhassem.

Lancei-me para a frente numa série de ataques, o pânico a aumentar à medida que ele os desviava um após o outro, o rosto inexpressivo enquanto mantinha a defesa.

Porquê dar-se ao trabalho de atacar, dado que o fogo a queimar o meu escudo faria o trabalho por ele?

— Mostra o teu valor, Bjorn — rosnou Snorri. — Mostra-lhe o que realmente significa lutar!

Respirei ofegante enquanto balançava a espada vezes e vezes sem conta, sabendo que a minha única hipótese era vencer. Matá-lo, por muito que não quisesse.

— Porque estás a fazer isto? — exigia eu a Snorri entre ofegos. — O que ganhas com a minha morte?

— Não ganho nada com a tua morte — respondeu ele. — Por isso, luta! Nada disto fazia sentido.

Bjorn parecia ser o único a concordar.

— Não há interesse algum neste confronto. É só este peixeiro pila de doninha que quer que homens maiores castiguem a sua esposa pelos seus próprios fracassos debaixo das peles.

— Eu lavrava-a todas as noites — gritou Vragi. — A culpa é dela!

— Talvez lavrasses o campo errado! — Bjorn riu-se e desviou-se do meu golpe, batendo com o seu machado no meu escudo como se estivesse a afugentar uma mosca.

A minha raiva inflamou-se, menos pela insinuação grosseira e mais pelo facto de ele nem sequer me estar a dar a honra de tentar.

— O sumo de limão tratou rapidamente de qualquer semente que o seu pénis pudesse semear.

Provavelmente não foi prudente revelar o meu segredo, mas dado que a minha morte parecia iminente, valia a pena ver a expressão de indignação estupefacta no rosto de Vragi. Bjorn uivou de riso, cambaleando para trás e agarrando-se ao estômago, embora fosse rápido a bloquear o meu ataque quando tentei esfaqueá-lo.

— Deuses, Vragi — riu-se ele. — O mundo está realmente melhor sem a tua descendência se não questionas por que razão a tua mulher tem sabor a limões.

Sabor? Congelei, olhando para Bjorn, que me deu um sorriso lento.

— Parece que ele estava definitivamente a fazer tudo errado.

— Bjorn, cala-te! — Snorri andava em círculos à nossa volta. — Mata-a agora ou vou cortar-te a língua para te calar!

O humor desapareceu dos olhos de Bjorn.

— Quisera eu que o destino tivesse sido mais bondoso contigo, Freya. Sem aviso, ele atacou.

Desapareceram os golpes displicentes e os bloqueios sem esforço, e no lugar deles estavam golpes pesados que me faziam cambalear.

Pensava que sabia lutar. Que sabia como seria estar numa verdadeira

batalha. Nada poderia ter-me preparado para a compreensão de que, não importava o quão forte eu golpeasse, o quão rápido eu bloqueasse, o meu fim estava a chegar.

O meu escudo ardia, o fumo e o calor a picar-me os olhos, mas não ousava largá-lo. Bjorn atacou novamente. Movi-me para me defender, mas o seu machado agarrou a minha lâmina e arrancou-ma da mão, lançando-a a girar para o interior da floresta.

Era agora.

Este era o momento.

No entanto, Bjorn hesitou, recuando em vez de avançar para o golpe mortal. Um assassino, sim. Mas não um homicida.

— Acaba com isto — gritou Snorri. — Já prolongaste isto tempo suficiente. Mata-a!

Eu estava com medo. Tão dolorosamente assustada que, embora inspirasse de forma desesperada, parecia que nada chegava aos meus pulmões. Como se estivesse a ser estrangulada pelo meu próprio terror. Ainda assim, consegui erguer o escudo em chamas, pronta para lutar até ao fim. Pronta para morrer com honra. Pronta para ganhar o meu lugar em Valhalla.

O machado flamejante desfocou-se em direção a mim, atingindo o meu escudo. Uma fissura formou-se na madeira enquanto eu cambaleava para trás, mal conseguindo manter-me em pé. O meu braço doía com a força do impacto, e um soluço escapou-me dos lábios.

Ele atacou novamente.

Vi-o como se o tempo tivesse abrandado. Sabia que a força do golpe estilhaçaria o escudo e cortaria o meu braço. Sabia que sentiria o cheiro da minha própria carne queimada. Do meu próprio sangue chamuscado.

A minha coragem vacilou, depois falhou.

— Hlin — sussurrei o nome que me fora proibido toda a vida. — Protege-me!

Um estrondo de trovão estourou nos meus ouvidos enquanto o machado flamejante de Bjorn atingia o meu escudo, que já não era de madeira, mas de luz prateada. O impacto lançou-o pelo ar, o seu corpo a bater contra uma árvore a uma dúzia de passos de mim com força suficiente para que o tronco se partisse.

Bjorn caiu ao chão num monte, atordoado, o seu machado a aterrar numa pilha de agulhas de pinheiro e rapidamente aticando as chamas.

No entanto, ninguém fez nada para abafar as chamas. Ninguém se mexeu. Ninguém sequer falou.

Lentamente, Bjorn ergueu-se, sacudindo a cabeça para se recompor,

mesmo enquanto os seus olhos se fixavam em mim. A sua voz tremia ao dizer:

— Ela é a escudeira.

Um arrepio percorreu-me, e bani a minha magia. Mas era tarde de mais. Todos tinham visto.

Todos *sabiam*.

— Vê, meu senhor — disse Vragi, a sua voz alta e irritante. — É como eu disse: a Freya é filha da deusa Hlin e tem escondido a sua magia.

Embora pouco importasse, o primeiro pensamento que me ocorreu foi: Como é que ele sabia?

Vragi riu-se, vendo a pergunta nos meus olhos.

— Todas aquelas vezes que te escapulias, pensei que estavas com outro homem. Por isso, segui-te. Apanhei-te em flagrante, mesmo que não tivesse nada que ver com outro homem.

O meu estômago afundou-se. Como tinha sido tão incrivelmente estúpida? Porque não tinha tido mais cuidado?

— Steinunn — disse Snorri. — Esta será a canção de uma geração, e será composta pela tua magia.

A mulher não respondeu, apenas olhou para mim com tanta intensidade que tive de desviar o olhar.

Bjorn abafou o fogo que o seu machado causara, embora a arma ainda ardesse na sua mão enquanto se aproximava.

— Presumo que não queiras realmente que eu a mate.

Snorri resmungou.

— Não tenho a certeza de que conseguirias se tentasses. Foi profetizado que o seu nome nasceria no fogo de um deus. O seu destino nunca foi morrer às tuas mãos.

— Ela não tem o destino traçado — retorquiu Bjorn. — Ninguém poderia prever se eu a mataria, nem mesmo os deuses.

Um bufo de diversão escapou de Snorri.

— Achas que não conheço o meu próprio filho? Sabia que adiaras o golpe mortal tempo suficiente para que o terror a fizesse agir.

Snorri tinha-nos manipulado um contra o outro.

O vazio no meu peito começou a encher-se com o calor ardente da raiva. Esse calor transformou-se em inferno quando Snorri tirou uma bolsa de dentro do casaco, atirando-a a Vragi.

— Como compensação pelo teu dote perdido. E pela tua lealdade.

— Seu traidor desgraçado! — rosnei. — A tua ganância não tem fim?

Vragi retirou um colar de ouro da bolsa, admirando-o enquanto dizia:

— Não é ganância, Freya. Estou apenas a honrar os deuses ao encaminhar-te para o teu verdadeiro propósito. Devias estar a agradecer-me.

— Agradecer-te?

— Sim. — Ele sorriu. — Em breve serás a segunda esposa do *jarl*, o que significa que viverás no seu grande salão com infinitos adornos e riquezas. E ele levar-te-á para lutar nos raides, que é o que sempre quiseste.

Segunda esposa. Olhei para Snorri com horror, e embora visse irritação nos seus olhos, ele acenou em confirmação.

— Há quase duas décadas, uma vidente profetizou-me sobre uma escudeira que nasceu na noite de uma lua vermelha. Ela disse-me que o nome desta mulher seria forjado no fogo dos deuses e que ela uniria o povo de Skaland sob o domínio daquele que controlasse o seu destino.

— O destino é tecido pelas Nornas. — A minha língua parecia espessa e engoli em seco. — *Elas* controlam-no.

— Tudo está predestinado, *exceto* a vida dos filhos dos deuses — corrigiu Snorri. — O teu caminho é desconhecido e, ao percorrê-lo, rearranjas os fios de todos aqueles que te rodeiam.

Um zumbido surdo preencheu os meus ouvidos, o sol tornando-se impossivelmente brilhante. Eu não era ninguém, e Hlin... ela era uma das deusas menos significativas, raramente lembrada e nunca mencionada. Certamente não era poderosa o suficiente para unir os clãs sob um único homem.

— Tu serás uma criadora de reis, Freya — disse Snorri, aproximando-se para me segurar pelos braços. — E como teu marido, aquele que decide o teu destino, eu *serei* esse rei.

Foi por isso que o meu pai exigiu que mantivesse a minha magia em segredo, por estar tão convencido de que seria usada contra a minha vontade se a revelasse. Ele fora um dos guerreiros de Snorri, o que significava que teria ouvido a profecia. Teria conhecido a intenção de Snorri e não queria essa vida para mim. Eu também não a queria.

— Não!

— A escolha não é tua — respondeu ele. — Com o teu pai morto, a decisão é do Geir.

Os guerreiros que seguravam o meu irmão arrastaram-no para a frente, e ele cuspiu sangue na terra diante do *jarl*.

— Se Freya diz não, é não. Não desonrarei a minha irmã obrigando-a a um outro casamento que ela não deseja.

— Acho que devias reconsiderar. — Snorri passou por cima da saliva, movendo-se para ficar diante do meu irmão. — Exijo lealdade dos meus

guerreiros, especialmente daqueles que navegam no meu dracar. Isto não é lealdade, rapaz.

Geir cerrava os dentes, enquanto via os seus sonhos desvanecerem-se.

O meu coração partiu-se quando Geir tocou no anel de ferro no seu braço, mas então Vragi disse em voz alta:

— Ouvi dizer que o pai da Ingrid está a tentar encontrar um bom partido para ela. — Ele levantou a bolsa que fora pago para me traír. — Creio que isto seria um preço justo pelo dote.

O rosto de Geir empalideceu enquanto o meu estômago despencava, pois ambos sabíamos que o pai de Ingrid aceitaria o ouro, independentemente dos protestos dela. Não podia deixar que isso acontecesse. Não podia permitir que as vidas do meu irmão e da minha melhor amiga fossem arruinadas pelo meu próprio bem. Especialmente quando tinha sido a minha imprudência que nos colocara nesta situação desde o início.

— Está bem. — A minha voz soou estrangulada e estranha. — Casarei contigo. Com uma condição. O meu irmão mantém o seu anel e o seu lugar.

Snorri coçou a barba pensativamente, depois acenou com a cabeça.

— De acordo. — Os seus olhos viraram-se para Geir, que deu um aceno apertado, olhando para todos os lados exceto para mim. — De acordo.

Snorri dirigiu-se ao grupo.

— Todos são testemunhas? A Freya concordou em ser a minha noiva. Alguém contesta o meu direito de a tomar?

Todos murmuraram em concordância. Todos, exceto Bjorn. O seu machado ainda brilhava na sua mão, o olhar fixo em mim enquanto erguia a arma, parecendo prestes a agir. E por razões que não conseguia articular completamente, o instinto levou-me a dar um passo atrás, o coração a bater rapidamente.

Mas ele apenas baixou a arma novamente, fazendo um leve aceno com a cabeça.

— Então está feito. — Snorri acenou para que os seus guerreiros erguessem Geir. — Manterás o teu anel e posição, Geir, mas devemos abordar a questão da tua lealdade. Sabias que eu procurava uma filha de Hlin mas nada me disseste sobre a tua irmã, apesar de saberes que o sangue da deusa corre nas veias dela. Por isso, terás de ser punido. — Ele ergueu o machado que segurava.

— Não! — O grito rasgou-me os lábios, agudo de pânico. — Deste a tua palavra!

Tentei interpor-me entre eles, mas Bjorn foi mais rápido. Agarrou-me pela cintura, puxando-me para trás até que as minhas omoplatas pressionassem o seu peito.

— Ele não o matará — disse-me ao ouvido, a respiração quente. — Uma vez feito, estará *feito*. Não te intrrometas.

— Solta-me! — Lutei e forcejei, tentando esmagar os calcanhares nas suas botas, mas ele simplesmente levantou-me do chão como se fosse uma criança. — Geir!

O meu irmão estava muito direito, com o queixo erguido. Aceitando o seu destino.

Snorri atacou.

O lado plano da lâmina atingiu a canela do meu irmão, o som do osso a partir a ecoar pelas árvores. Eu gritei.

Geir não.

O rosto do meu irmão tornou-se pálido como a morte, mas não emitiu nenhum som enquanto caía ao chão, as mãos cerradas em punhos.

Snorri prendeu o machado de volta à cintura.

— Juntar-te-ás a mim quando puderes caminhar, entendido?

— Sim, meu senhor — Geir conseguiu dizer.

Eu arranhava os braços de Bjorn, tentando chegar ao meu irmão. Precisava de o ajudar. Mas Bjorn não me soltou.

Snorri encontrou o meu olhar, os olhos cravados nos meus.

— És uma mulher muito procurada, escudeira. Com as canções da Steinunn, a notícia sobre ti espalhar-se-á rapidamente e todos procurarão possuir-te. Muitos podem tentar atingir aqueles a quem amas para te ferir. — Ele fez uma pausa. — Os *meus* homens vigiarão a tua família para assegurar que nenhuma... *desventura* lhes acontece.

As suas palavras retiraram-me o ar dos pulmões, o estômago a cair-me. Não era uma promessa de proteger a minha família — era uma ameaça para assegurar a minha obediência. Dado o que acabara de fazer a Geir, não restavam dúvidas na minha mente de que este homem era capaz de muito pior se fosse contrariado, por isso assenti firmemente em compreensão.

Ninguém se moveu. Ninguém falou, o único som era a respiração ofegante de dor do meu irmão.

— Vou-me embora, então — anunciou Vragi, quebrando o silêncio. Dirigindo-se ao seu cavalo, montou-o prontamente. — Não quero que o Geir chegue primeiro que eu a uma reunião com o pai da Ingrid. — A sua gargalhada era cruel.

A minha fúria ardeu intensamente e eu gritei:

— Nem te atrevas! Deixa-a em paz!

— A Ingrid será uma boa esposa — respondeu Vragi com um risinho.

À minha direita, Geir rastejava atrás de Vragi. Implorava que alguém lhe emprestasse um cavalo. O meu irmão, *a implorar*.

— Tens o que querias — gritou ele. — Livraste-te da Freya, pago com ouro, não precisas da Ingrid!

Não podia permitir isso.

Batendo com a cabeça para trás, atingi Bjorn no queixo com força e ele largou-me. No momento em que os meus pés tocaram no chão, agarrei no cabo ardente do machado dele, arrancando-o da sua mão. A dor lancinante subiu-me pelo braço enquanto as chamas lambiam a minha pele, queimando a minha carne, e gritei enquanto o erguia sobre a cabeça, o fogo a beijar-me a face.

E então lancei a arma.

Girou no ar enquanto traçava um arco, faíscas a seguirem o seu rasto.

Cravando-se com um *baque* surdo na parte de trás do crânio de Vragi.



CAPÍTULO
3

Olhei para o machado flamejante cravado na cabeça do meu marido. Observei enquanto ele lentamente se dobrava e deslizava para fora do cavalo, caindo com um baque no chão. Só então o machado desapareceu, deixando para trás manchas de brilho na minha visão.

— Sua imbecil! — gritou Snorri.

Bjorn olhou para mim, os olhos cheios de choque e horror.

— Em que estavas a pensar?

— Ele merecia — sussurrei. O cabelo de Vragi estava a arder, o cheiro era acre. — É um bastardo ganancioso e traidor, o mundo está melhor sem ele.

Não *está*. Estava.

— Como pudeste deixar isto acontecer, Bjorn? — Snorri rosnou, lançando-se ao filho antes de parar abruptamente. — Como pudeste deixá-la desarmar-te?

— Eu não pensei que ela faria isto. — Bjorn balançou a cabeça rapidamente. — Ninguém jamais tentou. Ninguém é louco o suficiente para tocar no fogo de Tyr!

Foi então que percebi que eles não estavam zangados por eu ter assassinado Vragi. Eles estavam zangados por...

A dor atingiu-me.

Uma agonia como nunca tinha experienciado disparou pelo meu braço e olhei para baixo, para ver o meu pulso e a parte de trás da minha mão vermelhos e com bolhas, apenas a palma da mão e os dedos pareciam estar

isentos da dor. Comecei a virar a mão, mas os dedos de Bjorn agarraram-se ao meu cotovelo.

— Não vais querer olhar. — Ele segurou o meu queixo com a outra mão, obrigando-me a encontrar o seu olhar. — Olhar só vai piorar.

Os seus olhos eram de um tom de verde tão encantador, as pestanas escuras em volta, e, embora a dor aumentasse a cada pulsação palpitante, o pensamento que me enchia a cabeça era que não era justo um homem ter pestanas tão longas.

— Está muito mau?

— Sim.

— Oh.

Balancei nos pés enquanto ele dizia a Snorri:

— Se desejas que a tua guerreira mantenha a mão, devemos regressar a Halsar para que a Liv a possa ajudar.

Snorri praguejou, e depois uma ruga de preocupação marcou-lhe a testa.

— Foi profetizado que o seu nome nasceria do fogo. Eu acreditava que isso significava que o fogo de Tyr a estava a forçar a revelar o seu dom, mas isso teria sido um ato de medo. Enquanto isto... — Ele fez uma pausa, os olhos a brilhar com fervor — *isto* é um ato de bravura que dará à Steinunn uma canção para ser cantada pelos escaldos por gerações. Este é um ato que os deuses irão recompensar.

Se esta era a ideia de recompensa dos deuses, eu rezava para nunca sentir a dor do castigo.

Snorri não tinha terminado.

— Para que os restantes de vós não vejam o favor que os deuses lhe mostram como uma licença para a apatia, saibam que se ela perder a mão, eu próprio cortarei os dedos a cada um de vós!

— Uma resposta para tudo — murmurou Bjorn, antes de gritar: — Tragam o unguento dos meus alforjes. — A sua mão ainda segurava o meu queixo, mantendo o meu rosto erguido para que eu não pudesse olhar para baixo.

— Lamento — disse-lhe eu, um tremor a percorrer-me.

— Bem devias lamentar. — Ele segurou o meu olhar, e jurei que era a única coisa que me impedia de gritar. — Todas as mulheres em Halsar amaldiçoarão o teu nome se eu perder metade dos meus dedos.

Pisquei, depois compreendi o que ele queria dizer. Os meus dentes mostraram-se num rosnado por ele estar a fazer pouco da minha dor.

— Ou talvez elas me louvem por as poupar das tuas mãos ávidas.

Ele sorriu, os dentes brancos a brilhar contra a sua pele bronzeada pelo sol.

— Só pensas isso porque ainda não conheces a minha reputação. Após um dia ou dois em Halsar saberás a verdade das coisas.

Tudo o que eu queria era gritar e gritar e gritar, mas forcei-me a dizer:

— A verdade que as mulheres contam às outras mulheres não é a mesma verdade que contam aos homens.

O seu sorriso alargou-se.

— Só pode haver uma verdade. Tudo o resto é falsidade.

Consegui dizer:

— Exatamente.

Ele riu-se, mas o aperto no meu rosto e braço intensificou-se. Um segundo depois, entendi porquê, quando as mãos de alguém tocaram nas minhas queimaduras, a dor a tornar o mundo brilhantemente branco, com apenas o aperto de Bjorn a manter-me direita enquanto eu uivava e soluçava.

— Calma, Freya. — A sua voz era baixa e suave. — O unguento vai aliviar a dor.

Inspirei profundamente.

— Bjorn — alguém murmurou —, isto é...

— Eu sei — ele interrompeu. — Precisamos de nos apressar.

A urgência alimentou o meu medo, mas eu precisava de ver. Precisava de saber quão grave era.

— Deixa-me olhar.

O seu maxilar contraiu-se.

— Freya...

Libertei o meu queixo do seu aperto e olhei para baixo. A pele do meu pulso e mão estava coberta com uma pasta vermelha espessa, mas não a minha palma. Porque a minha palma...

A pele tinha *desaparecido*.

Fiquei a olhar para a horrível confusão enegrecida de cinzas, engasguei-me, depois torci-me e vomitei, o mundo a girar.

— Eu avisei-te. — Bjorn enrolou um pano à volta das minhas queimaduras, depois agachou-se, passando os braços por detrás dos meus joelhos e ombros.

— Eu consigo andar — protestei, embora isso pudesse ser uma mentira. Definitivamente uma mentira.

— Tenho a certeza de que consegues. — Ele levantou-me como se eu não pesasse mais do que uma criança, acomodando-me contra o seu peito. — Mas isto dará uma história melhor para a Steinunn cantar. Queremos sempre uma boa história para acompanhar as nossas cicatrizes.

— Freya!

Geir tentava rastejar na minha direção, lágrimas a correr pelo seu rosto.
— Porque fizeste isso? — chorava ele. — A tua mão está arruinada!
— Não está arruinada, seu idiota — retorquiu Bjorn. — E o teu choramingar não ajuda.

Os olhos de Geir escureceram.

— A culpa é tua, *Mão de Fogo*. Foi o teu machado que lhe fez isto.

Apesar da minha tontura e medo, a minha raiva cresceu.

— Eu fiz isto a mim mesma — disse entre dentes. — Não me arrependo.

O Vragi teria arruinado a vida da Ingrid. E a tua.

— Sou teu irmão, sou eu quem deve proteger-te.

As palavras dele apenas alimentaram a minha ira.

— Se pensas que é assim, então realmente não tens estado atento.

— Ponham-no num cavalo e mandem-no de volta para a mãe — ordenou Snorri aos seus homens. — E, Geir, não quero ver a tua cara até aprenderes a segurar a língua.

A dor na minha mão estava a aliviar — seja lá o que Bjorn tinha aplicado estava a entorpecer-me do cotovelo até à ponta dos dedos. No entanto, em vez de me sentir melhor, senti-me fria como gelo, calafrios tomaram conta de mim enquanto Bjorn me levava para o seu cavalo. Ele levantou-me para os ombros do animal, depois saltou rapidamente para a sela, puxando-me contra si. O meu traseiro estava pressionado contra a sua pélvis e o braço dele envolvia a minha cintura, a proximidade lembrando-me da nossa troca de palavras na praia.

— Consigo cavalgar sozinha.

— Não há cavalos suficientes.

— Então atrás — sussurrei. — Posso cavalgar atrás de ti.

Ele bufou, esporeando o cavalo para um trote.

— Acabei de te ver enfiar um machado no crânio de um homem. Achas que sou tolo o suficiente para te colocar às minhas costas?

— Não tenho uma arma. — O movimento do cavalo, ao acelerar para um galope rápido, empurrava-me contra ele a cada passo. — Acho que estás seguro.

O peito de Bjorn tremia enquanto ele se ria.

— Discordo respeitosamente, escudeira. Provaste ser oportunista.

Perante a dor, quase me tinha esquecido que o segredo que tinha escondido toda a vida agora estava revelado. Houve momentos em que sonhei em gritá-lo ao mundo, em assumir a minha herança apesar dos avisos do meu pai. Mas agora que era conhecido, tinha de enfrentar o pesadelo que seria a minha realidade.

— Não me chames isso.

— Tens razão — disse ele. — Não é original. Hei de pensar em algo melhor. Talvez Freya Maneta. Ou Freya Ladra de Machados. Ou Freya Palma Queimada.

Selvegr apareceu ao longe, mas estava turvo, os edifícios fundindo-se uns nos outros numa mancha grotesca.

— Não gosto de ti.

— Ainda bem. Não devias. — O braço dele apertou-se em volta da minha cintura enquanto ele instigava o cavalo a galopar. — O unguento vai fazer-te sentir sono. Pode fazer-te adormecer. Não resistas a essa misericórdia, Freya.

— Não vou adormecer. — Não podia. Não o faria. Ainda assim, a cada passo, a sonolência puxava-me para baixo, longe do medo e da dor.

A última coisa que me lembro antes de a escuridão me reclamar foi a voz de Bjorn no meu ouvido.

— Não te deixarei cair.